

Tema: Anebol		Área: 89178 mm2	Âmbito: Nacional	Tiragem: 62873
Título: O de onze é que era...			Temática: Desportivos	GRP: 5.4
2008/05/14	O JOGO - J	Pág. 4	Imagem: 1/1	Periodicidade: Diária
				Inv.: 2500.00

Reportagem



“Para me dedicar ao andebol precisava de uma boa reciclagem”

Actualmente sem clube, Manuel Machado, ex-técnico do Braga, foi uma das presenças notadas no Campo dos Trabalhadores da Câmara Municipal do Porto, onde decorria, entre outros, um revivalista jogo de andebol de onze. A pergunta foi imediata: pensa dedicar-se ao andebol? O técnico sorri e responde. “Para o fazer, precisava de uma grande reciclagem. Vim apenas ver amigos”, explicou Manuel Machado, que foi jogador e treinador de andebol, por exemplo no histórico Desportivo de Portugal. “Vou acompanhando a modalidade em que cresci e noto que evoluiu muito, não só tecnicamente, como nos processos de treino”, disse Machado.

ANIVERSÁRIO ▶ ASSOCIAÇÃO DE ANEBOL DO PORTO REEDITA JOGO “À MODA ANTIGA”

“O de onze é que era...”

A Associação de Andebol do Porto, que comemora 75 anos de existência, promoveu uma reconstituição de um jogo de andebol de onze, reunindo alguns jogadores que ainda experimentaram esta modalidade, extinta em finais da década de 1960. Pelo meio, alguns “juniores”, como Carlos Resende, Jorge Rodrigues, Fernando Areias ou Jorge Ribeiro. No entanto, as estrelas eram mesmo Belmiro de Azevedo, Aníbal Justiniano e Abílio Soares, entre outros.

A alegria do reencontro, a vontade de mostrar que “o de

repetir com maior regularidade.

Actualmente na casa dos 60/70 anos, os jogadores que chegaram a experimentar o andebol de onze não têm dúvidas. “As condições eram bem piores, campos pelados, chuva, lama, mas era um desporto espectacular”, lembrou Abílio Soares, secundado por Belmiro de Azevedo: “Jogávamos na lama e, quando chovia, começávamos com uma bola de 400 gramas e que acabava com mais de um quilo.”

No campo, algumas barreiras proeminentes e maior lentidão nas investidas à baliza contrastavam com alguma técnica que nunca se perdeu, mas agora, queixavam-se, “o campo é sempre a subir, e ainda por cima está um calor do caraças”. À medida que o tempo ia avançando, as substituições tornavam-se mais frequentes.

De um lado, estavam camisolados do FC Porto, do outro – o “Resto do Mundo” – as camisoladas eram laranja. O “Resto do Mundo” queixou-se de que havia demasiados “juniores” no FC Porto – e “alguns deles ainda jogam no INATEL”, acusava-se. A derrota era previsível, mas ninguém se lembrou de controlar a marcha do marcador.



Convívio O FC Porto venceu o “Resto do Mundo”, que equipou de laranja, mas todos ganharam

“Jogávamos na lama e, quando chovia, começávamos com uma bola que pesava 400 gramas e acabava com mais de um quilo”

BELMIRO AZEVEDO

onze é que era...”, e contar, aos mais novos, as peripécias do antigamente foram os pratos fortes de uma manhã que a associação prometeu



Técnica O gesto técnico de Belmiro não engana



Diversão Resende voltou a equipar-se

Na “bancada”, estavam as famílias, mas também o histórico presidente do Vasco da

Gama do Porto, Manuel Nunes, que alertava: “Eles têm de ter cuidado, já não são jo-

vens, não se podem entusiasmar tanto.” Quem disse?

MIGUEL RIBEIRO

BELMIRO DE AZEVEDO JOGOU PELO CDUP E PELO FC PORTO E ERA... “RAZOÁVEL”

“Não gosto de ver, só de jogar”

Belmiro de Azevedo foi praticante de andebol de onze durante 20 anos, divididos por CDUP e FC Porto. “Era médio e também joguei a defesa-central”, conta o patrão da Sonae, recordando que “a última vez que entrei num campo para jogar andebol foi há dez anos, numa iniciativa idêntica”: “Só não venho, se não me convida-

rem.” Mas o engenheiro não é desportista de sofá e faz questão de deixar isso bem claro. “Não me pergunte se acompanho o andebol, porque ou jogo ou então não me interessa nada”, assegura, revelando que mantém a forma diariamente num ginásio.

O jogo estava prestes a começar, e perguntam-lhe se joga

pelo FC Porto ou pelo “Resto do Mundo”. Belmiro não tem dúvidas: “Jogo pelo FC Porto, mas olha que trouxe calções e meias vermelhas.”

No campo, o segundo homem mais rico de Portugal passa a vulgar jogador, mas é “peixe na água”, procura a bola, a desmarcação e não evita o contacto físico, e os adversários não se fa-

zem rogados, mas, aos 70 anos, apesar da boa forma, os primeiros 30 minutos são suficientes. Não marcou, mas, decididamente, não estorvou. Pelo meio, ainda o ouvimos protestar pela actuação da dupla de arbitragem. “Fui roubado”, disse. No fim, explicou a exibição: “Estive a jogar contra o sol.” **MR**



▶ OLÍMPICO
Modalidade favorita de Hitler

Adolf Hitler foi o responsável pela primeira e única aparição do andebol de onze em Jogos Olímpicos. A modalidade criada na Alemanha era motivo de orgulho para os nazis, que se apressaram a integrar a modalidade nos jogos que organizaram em Berlim, em 1936. A Alemanha venceu a Áustria por 10-6, perante cem mil espectadores.

▶ PORTUGAL
Porto foi o berço do andebol luso

Em Portugal, o andebol de onze foi introduzido, como não poderia deixar de ser, por um alemão: Armando Tshop, em finais de 1929. Mais tarde, o país viria a seguir a tendência do resto da Europa e trocou esta vertente pela de pavilhão, mais cómoda e menos exigente em termos de recursos. Henrique Feist, outro alemão, foi o impulsor.

▶ EVOLUÇÃO
“Onze” a Norte “sete” a Sul

O primeiro jogo de apresentação na vertente de onze foi realizado no Porto, no dia 31 de Janeiro de 1931. Em 1949, no Verão, Cascais recebia o primeiro torneio oficial, mas agora apenas com sete jogadores. A partir de 1966, deixaram de existir competições nacionais e internacionais oficiais de andebol de onze.